

Prezado Sr. Paul Pella.

Recedi com grande satisfação que sua carta de 11 do corrente. E maior é minha satisfação ao constatar a perfeita coincidência de nossos pontos de vista com referência aos vários assuntos focados. Também em afim tenho sustentado e, por vezes, contra a opinião de compatriotas respeitáveis, a minha repulsa a qualquer aproximação com os tucantes. Quando lhe escrevera, logo que os primeiros rumores se ouviram em tal sentido, ainda era de expectativa minha atitude. Mas, por meus repugnância que eu nutria a pessoas, depressa refleti que, em nenhuma hipótese se nos tornava possível um amolhaute futuro. Tão próximos de um passado muito vivo e de um presente que é a lógica consequência deste. É manifesto que os arranjos de alguma intermediação apenas mascara uma manobra solerte cujo objetivo unico se explica na confusão do momento e nos planos de predominio que estes elementos desejam manter e teriam assegurada pelo nossa aliança e com nosso sacrificio. Só me impressionou - é certo - o programa apresentado, francamente convergente à nossa aspiração parlamentarista. Mas se tal orientação fosse sincera, não apenas abdicaríamos anti-fudes e etc. atuais, como seria a sentença de morte da caracterizada política militarista até aqui mantida. Uma das bases fundamentais de nossa intransigente oposição. Aliás, quem mais temem a, crise, ~~que~~ deu corpo ao fantasma da polifacção, foi o bravo general. Esteve a dois passos da monomania persecutória, vãos completos e delirados, encabeçados até pelo Mauricio Cardoso (!....) Agora ele é aparte os cochichos anônimos, nada sei de positivo referente à probabilidade. E que lá de verdade, apenas, é a clara e acintosa reação dos "tucantes" contra o Flores. Vão mesmo perdendo o mistério inicial,

da atitude, conforme se a reputa platónica ou apenas
positiva na disputa das graças ditatoriais. Em vez de dizer
que se através do fetiche é que elas tentariam golpejar
o Interventor sulino. É esta hipótese já foi viável, mas
não o é no presente.

— Quanto á questão religiosa, muito tenho a escrever. Me. Sem
síntese, falo o seguinte:— Na resposta do C.M. os 2) companheiros
procuraram ser, talvez, habéis de mais. Tiveram o desatado
predista ante o namor descarado do P.R.L. E eu só não
pudei da resposta pelo que nela podia parecer "topaçad". Mas
não nos comprometemos em nada, já que ficou patente que só
o Congresso tem autoridade para o caso.

A actividade de Igreja Católica é intensa e fora do valor oficial.
Entretanto está longe de ser universal. No seio do catolicismo
o que ha de melhor é conta, ostensiva ou tacitamente. Os jacobinos
e os franciscanos não o escondem. Assim o que ha de intelectual
e desinteressado. São os peculiers e os exploradores da religião
os promotores da atoarda, porque nada têm a perder mais
tarde quando a religião sofrer fatalmente a reacção popular.
Por ora, os tais pastores de Igreja ficam na tentativa conhecida
como miséria do que poderás futuramente. E não se pejam
de arambar dentro do confessional e até no altar, inter-
rompendo a missa... Entretanto eu sou dos que, como
o povoeiro, não tomam nada de apreciavel contra nós neste
primeiro embate. Mesmo de colônia, do que parece foi miséria.
Mas a repercussão da confraria secular.

Dos quatro principios apresentados, pessoalmente inclino-
me apenas pelo de indissolubilidade do vinculo matrimonial,
por lazer dos malificios não do divorcio propriamen-
te, mas da falta de educação do brasileiro, marcando
um cristal tão delicado. A elasticidade inteligente
de annullação do casamento (que um sendo na pratica
o divorcio brasileiro) resolveria o caso mais satisfatoriamente.

E os demais, são ^{no meu} ~~meu~~ entender, tão próximas, ou
mais, a própria Igreja, que, por todos os motivos voto
contra, sem, porém, fazer delas questões fechadas ou irre-
dutoras. Mas considero a ameaça clerical muito mais,
perigosa que a militar.

Praticamente, ignoro qual possa ser o pensamento da maio-
ria, já não da massa partidária, mas dos quadros de
nossa geopolítica. Sou um confessor a discursão, apurara
melhor os campos, passando pela "balança", para chegar
afinal à resolução conciliatória ("tendo em vista os outros
interesses, etc - tal") de "questões abertas".

O brando bardo que se tem preocupado com o tema,
enviou-me há dias uma prefatória de muito interesse, de
um modo novo de ver, mas que não encontro eco entre os
líderes. Lembra-me que se interpelasse o Arcebispo sobre
quais as reivindicações consideradas pela Igreja "pontos de
fé", das quais não poderia o católico abrir mão. É
evidente que apenas a indissolubilidade do casamento está
neste caso. E, por menor útil que os "chefes" a tenham
encontrado, eu peço em vez de pergunta uma habili-
dade sumida de boa consciência.

Em reunião final, não tenho asseverado-lhe que esta questão,
como em geral as outras de índole estritamente eleitoral,
deixa o povo indiferente e apático. Todos o mundo espera
alguma coisa que ninguém sabe, que é, mas que afirma
que não pode ser "isso"! Mítica, tipicamente, uma
fase sem fisionomia. Só há expectativa.

— Pergunta-me que volte a insistir na conveniência
de um esboço de programa, ou exclusivamente nosso,
ou comum, de "frente única", ou ambos.
É uma, esta, das muitas interrogações ambíguas. E se o
sr. espera o trabalho da Comissão especial nomeada,
se os seus ossos terão notícia dele, 7 palmos abaixo
da terra.

Os senhores, dai, mais a Com. Mixta defini e' que devem
parar o projeto a ser sujeito a deliberacão do
Congresso futuro.

E' não quero encerrar sem puzer o professor da tuncien-
cia parlamentarista. E' exassoladora a ideia e creio que,
sem dispendio, pode ser este o fruto redentor da
revolucao. I hi seu artigo sobre o Sr. Maria Santos,
e pretendo, em tambem, data vania, escrever algo sobre
esta obra prima de nossas letras.

bom me vi desta areufa, a falta do "Estado" faz-me
indesejavel quando me encontro com tinta e papel... Mas,
e' preferivel que o sr. me agrante - que o "Estado" recorra
já, nas circunstancias do momento.

Agradece os companheiros e aceita o melhor,
do am. e companheiro,

Sorria

16.1.1933.